

SÍNTESE

O Mediterrâneo é um mundo de diversidades dentro de uma certa unidade; é um espaço de encruzilhadas onde muitas coisas, povos e culturas, se encontram para produzir algo *sui generis* e diversificado, ainda que, no final, se sinta sempre uma certa unidade, um certo ar de família dentro dessa variância. Assim é a Dieta Mediterrânica e assim foi este evento!

Na Dieta Mediterrânica muitas áreas científicas se encontram, se interpenetram e se anulam em muitas das suas especificidades para integrarem um conceito holístico, abrangente e integrador como é este, o da Dieta Mediterrânica. Neste evento científico essa diversidade de áreas está bem patente, desde logo na variedade de temas em que se organizou o programa ao longo destes dois dias; mas também na diversidade das intervenções que tanto se focaram na literatura tradicional, como na nutrição, no marketing empresarial, em paisagens naturais e culturais, no turismo, etc. É isto o Mediterrâneo, e é esta multiplicidade que torna tão rico e estruturante o conceito de Dieta Mediterrânica na busca de um novo paradigma de convivência do homem com o planeta que o suporta.

Basicamente foi esta a mensagem final que o Doutor Jorge Sampaio, através da sua assessora Helena Barroso, nos apresentou na abertura deste evento. Primeiro chamou a atenção para o espaço de diálogo entre dois mundos que o Mediterrâneo possibilita; e isto porque o mediterrâneo é um mar que ora une ora divide, ora se assume como semente germinadora e criadora, ora como palco de intolerância e de destruição, como assistimos agora com a Guerra na síria ou o drama dos refugiados. Mas as potencialidades deste espaço mediterrânico, que também constrói (e sempre construiu) pontes entre continentes e povos, encerra em si mesmo grandes potencialidades para ultrapassar os desafios atuais. Os ensinamentos da história das civilizações que carrega, confronta-nos, inevitavelmente, com um presente onde é gritante a necessidade de uma revolução ecológica, de um novo paradigma civilizacional centrado no desenvolvimento sustentável, a fim de se evitar o que já foi apelidado de “Tragédia dos

comuns”. Noções e indicadores a que estamos hoje atentos como a da pegada ecológica, mas também esforços para o desenvolvimento sustentável como o que a Dieta Mediterrânica preconiza, constituem inequívocos sinais de que a mudança já começou e está em marcha.

Obviamente que, nesta mudança de paradigma que está em marcha, a Investigação e o papel das Universidades é essencial. Foi precisamente sob a investigação que hoje se faz que incidiu o primeiro tema deste evento, com 4 comunicações. A diversidade temática dessas comunicações reflete, desde logo, a abrangência e a transversalidade dos estudos em Dieta Mediterrânica: assistimos a uma primeira intervenção focada na investigação da literatura e tradição como forma de unir patrimónios tangíveis e intangíveis, vozes da terra que importa não deixar calar; para logo a seguir se abordar os impactos da Dieta Mediterrânica na saúde, desde as descobertas na prevenção das doenças coronárias dos anos 50, até aos benefícios para o sistema cognitivo recentemente demonstrados e aqui trazidos pela universidade grega de Harokopio; das características do padrão alimentar mediterrânico da ilha de chipre, para depois vermos os benefícios do peixe nessa dieta e nos desafios que se colocam à sustentabilidade dos recursos marinhos, num estudo da Universidade do Algarve.

Na parte da tarde do dia 9 o tema 2 centrou-se na preservação dos ecossistemas e paisagens culturais e na sustentabilidade socioeconómica dos territórios da Dieta Mediterrânica.

Começou por se falar da necessária valorização e reinvenção dos sinais territoriais distintivos, multiplicando-os através das novas tecnologias, de forma a valorizar a imaterialidade dos territórios, a iconografia dos locais, ou o reavivar de paisagens literárias que tantas vezes nos despertam os sentimentos mais profundos. Dentro dessas paisagens, também literárias, mas sobretudo culturais, prima o Douro vinhateiro, apresentado aqui como uma paisagem, em grande parte, ameaçada pela “hemorragia demográfica” e pela conseqüente falta de manutenção de um território que se foi construindo com sangue, suor e lágrimas, para atingir hoje o estatuto de paisagem cultural da Humanidade. Paisagem delicada e frágil, carregada de memórias, formando uma tela ímpar que, com o famoso néctar que produz, constitui recurso estratégico - porque singular - na qualificação deste território. Mas a diversidade mediterrânica

permite que outras paisagens, que preservam um ambiente natural único de outros mediterrâneos, nos fossem aqui apresentadas, como o geoparque de Troodos da região da Ptsilia (Agros) do Chipre.

A estas sucederam-se outras paisagens cheias de encantos e de histórias de encantar: primeiro o parque natural da ria Formosa, onde os valores naturais se conciliam com uma intensa ação humana e económica. Valores globais que hoje só se preservam com (e para) as pessoas e que, por isso mesmo, exigem uma responsabilidade global. Ou ainda as muito vividas e históricas paisagens de Hvar e Brac, da Croácia, onde muros e construções humanas milenares como que emolduram cantos e recantos de uma natureza há muito domesticada, formando um quadro único com uma textura mista de natura e cultura.

A preocupação é comum, e passa pela melhor forma de gerir estes tesouros que aliam o natural ao cultural, preservando as suas dinâmicas próprias, sem lhes retirar valor paisagístico ou vivencial.

Da quinta da Fornalha, do Algarve, chegou-nos uma mostra de como é que isso se pode fazer, um exemplo de como é que se pode manter e rentabilizar uma quinta tradicional. Observámos como se faz a rentabilização do figo naquela quinta - qual milagre da multiplicação do figo! - para tornar rentável algo que tem dificuldade em concorrer com a produção industrial em larga escala. Um bom exemplo de gestão e de preservação do enorme material genético das variedades tradicionais desta região foi-nos trazido pelas fruteiras do Algarve que, ao longo dos anos, têm vindo a recolher e a salvaguardar centenas de variedades tradicionais de árvores de fruto, possuindo hoje um reportório de quase 1000 variedades de citrinos, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras etc.

O painel temático deste primeiro dia terminou com as vantagens para a saúde de uma alimentação e modo de vida assente na Dieta Mediterrânica a partir do exemplo de Chipre, onde, para além da redução da obesidade e da prevenção de doenças, a Dieta Mediterrânica traz-nos cor, sabor e diversidade na nossa paisagem alimentar.

O dia de hoje, 10 de maio, iniciou-se com o tema 3 dedicado aos museus e projetos museológicos da Dieta Mediterrânica (DM).

Jorge Queiroz enquanto representante da comunidade que tem este ano a presidência dos 7 países, começou por fazer um balanço global do que está a ser feito pelas diferentes comunidades representativas. Foi com agrado que verificámos um interesse crescente por universidades, centros de investigação e comunidade em geral por estas questões da Dieta Mediterrânica (DM), o que não deixa de ser um indicador da sua atualidade. Por isso não surpreende que já se vislumbre o interesse de novos países em integrarem a comunidades de países representativos.

A expansão do interesse decorre, obviamente, do que se vem fazendo e das muitas ações que se estão a implementar nos diferentes países. Vimos como funciona o museu vivente da DM no Parque Nacional de Cilento (Itália), terra de adoção de Ancel Keyes. Aqui, o museu não é o espaço cerrado entre 4 paredes, a cheirar a mofo, mas antes uma janela para o território, promovendo experiência e difundindo ensinamentos do modo de vida mediterrânico local, daquilo que é e dá a alma ao território. Semelhante é o museu da DM de Chefchaouen (Marrocos), onde todo o pulsar da comunidade Chaouni é mostrado e interpretado. É um verdadeiro museu vivo onde os sentidos se conjugam escutando, tocando, olhando, mas é também um ponto de dinamização turística e económica, permitindo ao visitante a descoberta da cozinha local ou do artesanato tradicional. Realidades apelativas e com sucesso mas que requerem um trabalho constante de sensibilização, como ficou patente no debate que se seguiu. Aqui ficou bem claro que a promoção das atividades e a produção do tipo artesanal precisa de ser melhor articulada com uma legislação frequentemente formatada para um modo de produção diferente, que não tem em conta os valores preconizados pela DM, ou o novo paradigma para o qual todos temos que caminhar.

Outro museu, que tem menos uma expressão territorial do que temática, foi também apresentado: o museu do azeite da ilha de Brac, da Croácia. Um exemplo de como uma estrutura de produção tradicional secular privada pode ser convertida num nóculo de dinamização e de qualificação de um território, território esse que é apresentado a partir da sua dimensão etnográfica, mas também dos sabores da terra. Aqui ficou bem patente o quanto importante é a criatividade como alavanca de dinamização e de integração na contemporaneidade do rural tradicional, como é o caso do concurso e festival da apanha da azeitona, promovido como instrumento de lazer e de contacto com o ar livre centrado no exercício efetivo de uma prática tradicional.

Mas as dinâmicas tradicionais podem ter muitas outras expressões, como a da História da alimentação na Croácia numa perspectiva antropológica e etnológica, vista a partir da comunidade representativa de Hvar e de Brac. Novas tendências e interesses nos estudos das práticas alimentares tradicionais são hoje uma realidade crescente, assumindo diferentes vertentes, gastronómicas, é certo, mas também de convivialidade e de valorização do capital culinário, afirmando-se essas novas tendências e interesses como uma espécie de expressão identitária a partir e em torno da mesa (ou do quadro alimentar). Esta busca do “sabor da tradição”, para citar o título de um livro sobre a gastronomia da região da Istria, publicado em 2013, é hoje uma das temáticas que mais interesses tem mobilizado no quadro da DM.

A tarde deste dia 10 começou com o tema 4 dedicado à educação alimentar e nutricional. O trabalho da educação em saúde através da Dieta Mediterrânica que se está a fazer nas escolas de Sória (Espanha) é notável, onde os resultados na diminuição dos cancros gástricos já se fazem sentir. Foi-nos apresentado um verdadeiro templo da saúde que tem a Dieta Mediterrânica como figura de devoção e um decálogo da Dieta e Cultura Mediterrânicas como dogma. A razão para elevar os hábitos alimentares mediterrânicos ao estatuto do sagrado foi logo de seguida esclarecido, e bem reiterado, pela Fundação Portuguesa de Cardiologia ao tratar do panorama sanitário da população portuguesa. Mais uma vez, ficou claro o papel positivo na saúde pública da adoção das práticas do estilo de vida mediterrânico.

Nesse sentido, e atentos a estes factos, estão os ministérios da Saúde e da Educação de Portugal que, em trabalho conjunto, têm promovido a DM junto da população, através da internet, mas também de cartazes pedagógicos, guias para a alimentação saudável de estilo mediterrânico, vídeos, receitas culinárias, etc. A introdução da Dieta Mediterrânica nas metas curriculares e nos refeitórios escolares é um importante passo para a educação alimentar.

Finalmente, a salvaguarda e divulgação da DM foi abordada como tema 5. Os media são um parceiro incontornável neste processo de divulgação e de salvaguarda. Este processo de divulgação e de salvaguarda acaba por ter o seu retorno económico pela imagem positiva que a Dieta Mediterrânica traz aos territórios. Por isso a Região de Turismo do Algarve tem a DM no seu plano estratégico, como vimos, contribuindo, dessa forma, para a dinamização dos produtos da terra e para a qualificação da Região

do Algarve como um todo. E porque o caminho se faz caminhando, Tavira, como comunidade representativa, tem-se empenhado na construção de um modelo estratégico para a salvaguarda da DM nas suas diferentes vertentes, como acabámos de ver.

Em suma, não vou repetir o muito que foi dito mas, à guisa de conclusão, vou retomar uma das questões centrais que amiúde assomaram no debate: a questão dos limites da DM. Tendo em conta a abrangência do tema e a multidisciplinaridade das áreas em que se move, o que é que cabe e não cabe dentro das fronteiras elásticas e fugazes do conceito de DM? Pode existir uma verdadeira DM, enquanto modo de vida, fora do espaço mediterrânico? Quais os conceitos que conformam os moldes da DM? Tradição, sustentabilidade, certamente! E que mais? Estas e outras questões não são de fácil resposta; porventura nem há, de momento, resposta cabal para elas pois que as sinergias que se começam a formar e a movimentar em torno DM são um processo em constante renovação e reinvenção; mas, o que verdadeiramente interessa, é que o processo a caminho do novo paradigma de vida e de relação com o mundo e o ambiente que nos suporta, já começou e, nesse caminho, a DM é um vetor que está sólido e cada vez mais dinâmico, como se constata pelas temáticas e discussões que se desenrolaram aqui, nestes últimos dois dias.